
RELAÇÕES ENTRE CONTRACULTURA, CIBERCULTURA E LITERATURA**RELATIONS BETWEEN COUNTERCULTURE, CYBERCULTURE AND LITERATURE****Everton Vinicius de Santa¹**

RESUMO: O conceito de cultura pode ser entendido como um conjunto de práticas, técnicas e valores que se transmitem de geração em geração. A contracultura, por sua vez, sobretudo nas décadas de 1960-70 (e não somente no Brasil), representaria um movimento paradoxo a essa ideia de aceitação ou submissão ao que podemos entender como “tradicionalismo histórico” para a ideia de recusa. Essa ideia de contracultura guarda ainda seus resquícios na memória das gerações do final do século XX e evidencia-se, agora, por meio de uma geração ávida pela tecnologia e por sua relação com o outro e com o mundo que o cerca: a cibercultura. Este ensaio, portanto, longe de uma reflexão filosófica acerca da contracultura enquanto corrente política ou ideológica, volta-se para uma discussão crítico-literária e para a relação que pode haver entre as nuances ideológicas e conceituais que se referem à contracultura e ao sentido de marginalidade, ou seja, a discussão busca entender até onde é possível estabelecer vínculos com a ideia de cibercultura como uma evolução ou uma herança do movimento contracultural de décadas passadas.

Palavras-chave: cibercultura; contracultura; literatura

ABSTRACT: The concept of culture could be understood as a set of practices, techniques and values that are transmitted from generation to generation. The counterculture, in turn, especially in the decades of 1960-70 (and not only in Brazil), represents a paradox to move this idea of submission to acceptance or that we can understand how "traditional history" to the idea of refusal. This idea still has remnants of the counterculture in the memory of generations of the late twentieth century and is demonstrated now through a generation eager for technology and their relationship with each other and the world around him: the cyberculture. Therefore, the aim of this essay, far from a philosophical reflection about the counterculture as a current political or ideological, turns to a literary criticism argument and the relationship that may exist between the ideological and conceptual nuances that refer to the counterculture and the sense of marginality, in other words, the discussion seeks to understand how far it is possible to establish links with the idea of cyberspace as an evolution or a legacy of the counterculture movement of past decades.

Keywords: cyberculture; counterculture; literature.

¹ Graduado em Letras (2008), Mestre em Letras (Estudos Literários) (2011), pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é aluno em nível de doutorado do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). evertonrep@yahoo.com.br

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.

Alfredo Bosi

As tentativas de definição a cerca do conceito de cultura vão muito além de uma simples teorização ou reflexão que abarca os campos da sociologia, filosofia, antropologia ou mesmo da literatura, considerando as relações que podemos estabelecer no que se refere às artes em geral e sua significativa referência à sociedade como um todo, logo, um produto cultural.

De modo simplificado, se o conceito de cultura pode ser entendido como esse conjunto de práticas, técnicas e valores que são transmitidos de geração em geração, como diz a epígrafe de Bosi (1992, p. 16); a contracultura, por sua vez, sobretudo nas décadas de 1960-70 (e não somente no Brasil), representa um movimento paradoxal a essa ideia de aceitação ou submissão ao que podemos entender como “tradicionalismo histórico” para a ideia de recusa, de livrar-se do “sistema”, do culto ao novo, às novas ideias e manifestações das mais diversas naturezas intelectuais.

Essa noção de contracultura guarda ainda seus resquícios na memória das gerações do final do século XX e evidencia-se, agora, por meio de uma geração ávida pela tecnologia e por sua relação com o outro e com o mundo que o cerca: a cibercultura. Roszac (1972, p. 15) disse, no contexto de sua época, os anos 1970, que o conflito das gerações é óbvio na vida humana, “o que ocorre de novo, desafiante e atraente, na política, na educação, nas artes e nas relações sociais (amor, corte sentimental, família, comunidade) é criação de jovens que se mostram profundamente, até mesmo fanaticamente alienados da geração de seus pais”. Pensando na atual conjuntura social à luz das práticas tecnológicas que alia atitudes, modos de pensamento e novos hábitos culturais influenciados pela era digital – numa visão extremista –, isso faria da cibercultura uma manifestação, ou movimento, muito próxima dos ideais da contracultura.

O eixo deste ensaio, portanto, longe de uma reflexão filosófica acerca da contracultura enquanto corrente política ou ideológica, volta-se para uma discussão crítico-literária e para a

relação que pode haver entre as nuances ideológicas e conceituais que se referem à contracultura e ao sentido de marginalidade (não somente atribuída ao campo da literatura), ou seja, a discussão busca entender até onde é possível estabelecer vínculos com o conceito de cibercultura como uma evolução ou uma herança do movimento contracultural de décadas passadas.

Em se tratando de literatura, essa relação de marginalidade literária brasileira com o “calor do momento”, cujo rol evidencia uma produção significativa de obras, representa a repressão que havia por detrás dessa luta por novas estéticas em uma época de muitas mudanças e expectativas, sobretudo, no campo político; mas, também, que refletia uma produção de autores, músicos e cineastas, por exemplo, fugindo da tradição e dando voz aos seus ideais por meio de suas obras. Hoje, esses movimentos de “resistência”, políticos ou literários, talvez não tenham a mesma força ideológica que havia nos contraculturalistas em função de um contexto distinto dos anos de 1970; contudo, o ciberespaço permite que a disseminação de ideias e a diluição do que se diz marginal se concretize de modo muito mais democrático e sem a repressão que cerceava os revolucionários dos anos 1960-70, em plena ditadura, por exemplo.

Desse modo, é possível visualizar as relações entre os ideais do movimento contracultural no sentido de busca por algo novo e quebra com as instituições de poder, por isso marginal, no mesmo sentido em que a cibercultura e os ciberespaços, os ambientes virtuais, permitem que essa marginalidade se dilua e se desterritorialize, permitindo, então, que a literatura ganhe mais espaço no que se refere à produção, disseminação e leitura de textos em meio digital. Se o movimento contracultural, como o conhecemos, acontecesse neste século XXI, desencadeado pela geração 00, certamente os espaços virtuais seriam peças fundamentais no jogo paradigmático de inovação e antropofagia característicos desses movimentos de resistência.

Com isso, essa reflexão sobre contracultura e cibercultura, sob o prisma da literatura, busca aproximar essas três instâncias enquanto sistemas e enquanto possibilidades de criação e disseminação cultural, além de discutir sobre a marginalização em seu entremeio até a sociedade contemporânea.

A CONTRACULTURA ONTEM E HOJE

Ainda hoje, muito se discute a amplitude da contracultura na busca por uma revolução social. O fato é que não se podem separar completamente os debates políticos, ressaltados em manifestações e agitações sociais ao redor do mundo nos anos 1950-80 e difundidas pelos *hippies* em festivais de música e artes como o *Woodstock*, nos EUA, no ano de 1969, afinal, sempre houve o vínculo da ideologia política, como também o da união pela estética ou celebração. Esses modelos de sociabilidade decorrem do compartilhamento de interesses culturais, que com o advento maior da tecnologia, a partir da década de 1950, resultará em uma relação de simbiose entre a técnica e a vida social, possibilitando assim, o surgimento de grupos contraculturais e, posteriormente, das tribos urbanas, que hoje poderíamos relacionar ao espaço virtual da cibercultura.

O conceito de contracultura em si ainda é incipiente ao se tentar definir em função da abrangência que ocupa em termos de delimitação do que foi o movimento. Goffman e Joy (2007, p. 47) apontam que:

Pouquíssimas pessoas têm uma definição prática e adequada para o que seja contracultura, mas têm a certeza de que sabem reconhecer uma quando a vêem. Na verdade, quando Theodore Roszak popularizou a expressão em seu livro *The Making of a Counter Culture*, de 1969, ele *literalmente* podia ver quais eram as pessoas que se encaixavam em sua concepção. Qualquer pessoa do sexo masculino com cabelos compridos e, provavelmente uma barba, vestindo jeans esfarrapados, uma bandana e talvez uma camiseta estampada quase certamente era um contraculturalista... aquela era uma revolta contra uma civilização alienante, mecanizada e excessivamente materialista. (grifos do autor)

Interessante notar que a contracultura tem em seu cerne a ânsia por mudança e pelo que é novo no sentido em que caracterizaria o movimento (vamos chamá-lo assim) enquanto uma forma de pensamento e comportamento, cuja constante é a da inovação, em que as “estruturas sociais são espontâneas e efêmeras” (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 9), como também caracteriza a cibercultura e seus ambientes virtuais.

Esses movimentos de resistência podem ser observados ao longo dos séculos, cada qual com seus ideais e objetivos, afinal, as sociedades evoluem e são fluidas como um

organismo vivo em constante transformação e, claro, conflitos ideológicos geram tensões nem sempre apenas no plano das ideias ou dos comportamentos. Essa ideia de conflito é considerada “uma das constantes óbvias da vida humana”, segundo Roszak (1972, p. 15).

A figura do jovem revolucionário ou idealista concretiza-se e visualiza-se, sobretudo, nos movimentos contraculturais em função dessa resistência ao sistema tradicional e quando dizemos que nem todo movimento de recusa é contracultural, queremos dizer que, na verdade, os pressupostos contraculturalistas diferem-se de outros pela combinação dos mesmos princípios e valores que buscam um ideal comum antiautoritário ou antimacabro. Se a tradição recai sobre os velhos, os jovens levantam a bandeira pelo progresso das ideias, dos costumes, dos experimentalismos, das ousadias e dos levantes revolucionários. Essas características refletiram, sobremaneira, nos pensamentos filosóficos, artísticos e políticos nas gerações dos anos 1950-80, quando o movimento mais teve visibilidade.

Embora as tentativas em se tentar delimitar o conceito de contracultura sejam ainda complexas, aproximá-lo do que entendemos como cibercultura é uma tentativa de estabelecer aproximações entre dois momentos distintos, mas que carregam em si correlações que nos permitem aproximá-las e entendê-las como um processo que não se extinguiu nos anos 1980. Pelo contrário! A cibercultura pode até não representar um peso ideológico ou filosófico tão evidente quanto foi o movimento contracultural, contudo, sua influência no pensamento, nas relações humanas e nos hábitos culturais é evidente.

Contracultura, por si só, remete à ideia de ruptura uma vez que tenta libertar-se do tradicionalismo das convenções que permeiam a sociedade regida por um sistema rígido de instituições gerido pelo Estado. Essa noção de manipulação da máquina do Estado detentora do poder evidencia a luta, por exemplo, de forças sociais minoritárias que evocam polemizações latentes, de certo modo, de luta e conquista, afinal, os movimentos de resistência, em geral, são de uma minoria marginalizada:

O Estado é a soberania. No entanto, a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente. Não apenas não há Estado universal, mas o fora dos Estados não se deixa reduzir à “política externa”, isto é, a um conjunto de relações entre Estados. O fora aparece simultaneamente em duas direções: grandes máquinas mundiais, ramificadas sobre todo o ecúmeno num momento dado, e que gozam de uma ampla autonomia com relação aos Estados (por exemplo, organizações comerciais do

tipo “grandes companhias”, ou então complexos industriais, ou mesmo formações religiosas como o cristianismo, o islamismo, certos movimentos de profetismo ou de messianismo, etc); mas também mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentárias contra os órgãos de poder de Estado. O mundo moderno nos oferece hoje imagens particularmente desenvolvidas dessas duas direções, a das máquinas mundiais ecumênicas, mas também a de um neoprimitivismo, uma nova sociedade tribal tal como a descreve McLuhan. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 18)

Avesso ao rígido Estado e suas convenções, encontram-se, então, os marginalizados ou as minorias de natureza variada, as chamadas subculturas. Assim é importante perceber que a sociedade é constituída por sujeitos multiformes e complexos que se diferenciam por suas singularidades e acabam por caracterizar determinados comportamentos ou posturas ideológicas, como no sentido dado por McLuhan sobre essa ideia de “neoprimitivismo” e tribal (Deleuze e Grattari tratam disso em *Mil Platôs*, vol. 5, de 1980).

Goffman e Joy (2007, p. 50), por sua vez, apontam características fundamentais da contracultura: “1. As contraculturas afirmam a precedência da individualidade acima de convenções sociais e restrições governamentais; 2. As contraculturas desafiam o autoritarismo de forma óbvia, mas também sutilmente; 3. As contraculturas defendem mudanças individuais e sociais.” Então, percebemos que essa categorização, embora não sejam estanques, nos permitem visualizar aspectos gerais do que seria um movimento contracultural e avesso ao conservadorismo, pautado pelo ideal individual que leva à coletividade, afinal, as minorias ganham força quando juntas, e, mais uma vez, revelam resistência ao autoritarismo social do Estado, que procura moldar os comportamentos sociais. Poderíamos arriscar e utilizar o adjetivo *libertário* para esses movimentos no sentido em que buscam libertar-se dos grilhões sociais convencionados pela máquina que rege o sistema, segundo Deleuze e Guattari.

Os autores apontam, ainda, características quase universais da contracultura:

Rupturas e inovações radicais em arte, ciência, espiritualidade, filosofia e estilo de vida. Diversidade. Comunicação verdadeira e aberta e profundo contato interpessoal, bem como generosidade e a partilha democrática dos instrumentos. Perseguição pela cultura hegemônica de subculturas contemporâneas. Exílio ou fuga. (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 54).

Por isso, falar de contracultura é, também, falar de movimentos transgressores que prezam pela experimentação e pela constituição de novos ideais estéticos. É preciso reiterar ainda que essas nuances contraculturalistas são observadas, também, no plano literário e revelam essa nova estética composicional revelada por meio do texto.

No Brasil, a contracultura foi um movimento ramificado do plano internacional que “se expandiu não *por causa*, mas *apesar* da ditadura” (RISÉRIO et. al, 2005, p. 27, grifos do autor) e ganhava força diante da repressão ditatorial dos militares no país que levavam a juventude para as ruas e caracterizariam, mais tarde, nossa cultura marginal do culto ao “Seja marginal, seja herói”, de Hélio Oiticica. Outros nomes ecoavam no cenário brasileiro – não só para a literatura – como Jorge Mautner, José Agrippino de Paula, Rogério Duarte, Torquato Neto, Waly Salomão, Gramiro de Matos, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros, uns mais, outros menos marginalizados. Não podemos deixar de mencionar, ainda, Oswald de Andrade e o antropofagismo de 1928 que já preconizava um movimento de resistência aos moldes da contracultura e que marcou o Modernismo brasileiro e as tensões estéticas na arte e na literatura.

Importante reiterar que o este ensaio não pretende problematizar sobre as questões ideológicas ou filosóficas no campo da contracultura, mas sim visualizar como o movimento se constituiu e como suas influências podem ser observadas no cenário atual de uma sociedade tecnológica e em constante movimento, onde as minorias ganham força e visualidade, justamente em função dos processos desterritorializantes proporcionados pela cibercultura.

O “MOVIMENTO” CIBERCULTURAL

A contracultura, como vimos, baseia-se na transgressão e na ideia do pensamento libertário, por isso, Goffman e Joy (2007, p. 58) apontam para um “impulso prometéico de partilhar democraticamente descobertas e invenções tecnológicas, idéias, visões e obras de arte. O famoso *slogan hacker* ‘A informação quer ser livre’ é basicamente um conceito contracultural fundamental”. Esse ideal de liberdade só veio a se concretizar com mais força quando entramos nessa era tecnológica que permitiu aos sujeitos e às minorias em geral

ganhar espaço e visibilidade, assim como influenciou significativamente na disponibilidade e acesso às literaturas e produções marginalizadas. Antes, contudo, é preciso elucidar o que entendemos como cibercultura.

Em sua obra *Cibercultura*, Lévy (1999, p. 17) apresenta a definição para dois termos aqui tratados:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Paralela ao caótico sistema de expansão do ciberespaço que se constrói em “sistemas de sistemas muito além da labiríntica prisão de Dédalo” (LÉVY, 1999, p. 111), a cibercultura é reflexo (ou causa) de todo o aparato tecnológico que propicia mudanças no modo como a sociedade observa e interage entre si e com seus objetos de consumo, sejam eles da alçada artística ou não, estabelecendo novos hábitos, costumes, em relação ao que antes era “primitivo”. Toda cultura se transforma, evolui, acompanha os passos dos avanços tecnológicos que por ela permeiam:

Sejamos diretos: recombinar, copiar, apropriar, mesclar elementos dos mais diversos não é nenhuma novidade no campo da cultura. Toda cultura é, antes de tudo, híbrida; formação de hábitos, costumes e processos sócio-técnico-semióticos que se dão sempre a partir do acolhimento de diferenças e no trato com outras culturas. A recombinação de diversos elementos, sejam eles produtivos, religiosos ou artísticos, é sempre um traço constitutivo de toda formação cultural. Por outro lado, toda tentativa de fechamento sobre si acarreta empobrecimento, homogeneidade e morte. A cultura necessita, para se manter vibrante, forte e dinâmica, aceitar e ser, de alguma forma, permeável a outras formas culturais. Esse processo está em marcha desde as culturas mais “primitivas” até a cultura contemporânea, a cibercultura. Assim, não é a recombinação em si a grande novidade, mas a forma, a velocidade e o alcance global desse movimento (LEMOS, 2009, p. 38).

Novas tecnologias de comunicação e informação em constante expansão e imersas no ciberespaço, como o iTunes, o YouTube, o orkut, o Twitter, os sítios, os blogues e uma série

de outras redes sociais de relacionamento e/ou compartilhamento de textos, imagens e sons, são observadas em todo o mundo e abarcam cada vez mais usuários. Logo, podemos dizer que há um movimento de reestruturação cultural permeado por práticas virtuais envolvendo a maior parte das atividades cotidianas, direta ou indiretamente, reconfigurando as fronteiras físicas e tecnológicas que limitavam, por certo, o acesso à informação e que, atualmente, resumem-se a um processo de desterritorialização, termo proposto por Deleuze e Guattari (2009). Ou seja, sob o ponto de vista literário e da imersão no ciberespaço, é possível ter acesso aos mais variados gêneros literários e textos das mais diversas línguas e nações de modo ilimitado. Os ambientes virtuais permitem a desterritorialização e a diluição de qualquer espécie de fronteira que se possa tentar instituir.

Lévy (1999, p. 120) aponta ainda, ao tratar do fenômeno da cibercultura, o que ele denomina como um paradoxo entre o universal e a totalidade: “*quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável*” (grifos do autor). Partindo do princípio de que o universal é indissociável da ideia de humanidade, o autor o define como sendo “a presença (virtual) da humanidade em si mesma” e a totalidade como “a conjunção estabilizada do sentimento de uma pluralidade (discurso, situação, sistema etc.)” (LÉVY, 1999, p. 121), uma totalidade esfacelada e sem progresso linear em função da cultura pós-moderna ou pós-humana. Embora não pretendemos discutir o termo pós-humano, as considerações de Felinto (2006, p. 106) permitem compreender nossa concepção sobre ele:

Podemos entendê-lo como uma expressão do desejo de unidade, conexão e superação que caracteriza o mito da comunicação total. O pós-humano representa um estágio da humanidade tecnológica cuja principal meta é a transcendência das limitações físicas e biológicas do humano. Esse desejo de ultrapassagem dos limites ou fronteiras – o “prazer da confusão de fronteiras”, de Haraway (2000, p. 42) – encontra sua realização máxima no abandono da prisão corporal, por meio das fantasias que imaginam a digitalização da consciência em computadores. Nesse mundo virtual, uma espécie de ciberespaço figurado como uma Nova Jerusalém Celestial, o pós-humano deixa de ser carne para tornar-se verbo informatizado. No fim será o Verbo, e o Verbo será com a máquina... Na evolução pós-humana, o corpo torna-se obsoleto (SIBILIA, 2002, p. 9-22), mero resquício de um passado vergonhoso e imperfeito. Poderíamos dizer que o corpo se apresenta, assim, como mais uma mídia ou matéria a ser descartada.

Longe de uma discussão sobre pós-modernidade, esse ideal do “movimento” cibercultural aproxima-se muito das características levantadas por Goffman e Joy (2007) no que se refere à contracultura; sobretudo, quanto à noção de ruptura e inovação, diversidade, compartilhamento democrático, livre intercâmbio de arte e pensamento, o que também corrobora o processo do desterritório e da diluição de fronteiras que multiplica os pensamentos de uma minoria ou de uma corrente ideológica.

Todas essas nuances de diluição das fronteiras trazem à tona a ideia de marginalidade, ou seja, em se tratando de literatura, a margem do tradicional baseado na concepção de centro e periferia e de influências entre culturas ou mesmo dentro de uma mesma sociedade, que Rama (2001, p. 261) vai denominar “influência transculturadora”. Essas influências ou interferências entre os sistemas literários ou culturais distintos que acabam por culminar em experimentações nas artes em geral.

Nas últimas décadas, com o *boom* das práticas digitais, esse isolamento ideológico que conduzia o cânone literário começou a ser desfeito, afinal, por mais que se tente isolar determinado estereótipo sobre “leia isso, não leia aquilo”, perde-se a sua essência quando se passa dos manuais impressos de literatura para o ciberespaço, abrindo possibilidades de produção, reflexão, crítica e troca de informações, ou seja, tensiona, dinamiza e reconfigura a própria aura mítica da obra de arte como um todo, segundo aponta Walter Benjamin, sobretudo, se a visualizarmos sob o viés dos ambientes virtuais:

o que murcha na era da reproduzibilidade da obra de arte é a sua aura. O processo é sintomático, o seu significado ultrapassa o domínio da arte. Poderia caracterizar-se a técnica de reprodução dizendo que liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição. Ao multiplicar o reproduzido, coloca no lugar de ocorrência única a ocorrência em massa. Na medida em que permite à reprodução ir ao encontro de quem apreende, atualiza o reproduzido em cada uma das suas situações. Ambos os processos provocam um profundo abalo do reproduzido, um abalo da tradição que é o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Estão na mais estreita relação com os movimentos de massas dos nossos dias. (BENJAMIN, 1985, p. 4)

Percebam como essa ideia de cibercultura, essa do século XXI, tem suas raízes nos anos 1980 com as inovações técnicas primitivas até então e, hoje, culminam num emaranhado sistema de interrelações dos mais variados níveis sociais. Se a contracultura desafiava o

autoritarismo e defendia mudanças, a cibercultura ou as práticas culturais de comportamento envolvendo o mundo digital, nada contra essa corrente sistêmica de tentativa de delimitação ainda impostas pelas instituições da máquina, mas, claro, em um nível menos engajado do que foram os movimentos contraculturais das décadas passadas.

Além disso, a cibercultura permite que os sujeitos ganhem espaço como nunca se viu antes, ao mesmo tempo em que a chamada marginalidade entra num processo de espetacularização em função da natureza aberta dos ciberespaços ou ambientes virtuais. Se antes, escritores ou músicos ficavam restritos a uma minoria de consumidores e críticos de suas obras, por isso marginais, hoje, a visibilidade proporcionada pelas redes sociais e outras mídias contemporâneas vão contra as tentativas de controle sobre o acesso aos bens culturais, ou seja, embora se argumente quanto ao desrespeito à propriedade dos bens culturais disponibilizados em ambientes digitais, percebe-se que agora talvez essa seja a forma de transgredir contra o progresso ainda repressor da máquina do Estado.

Novamente, ao tratarmos da cibercultura e suas interrelações, os jovens aparecem como alimentadores dessa corrente de manifestação, afinal, são, de fato, aqueles que alimentam o “movimento”:

Pierre Lévy, estudioso da cibercultura, afirma que o ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem (Lévy: 1999 p. 31)... com a ligação da tecnologia pós-moderna com a intenção libertária dos diversos grupos sociais ativistas que surgiram a partir do final dos anos 60: “A revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60” (Castells, apud Almeida: 2006). Castells entende que a internet é o resultado de “cruzados tecnológicos” de uma geração de cientistas comprometidos com os ideais contraculturais, sendo que ao defenderem o acesso irrestrito à informação estavam retirando das mãos centralizadoras do exército e universidades, para popularizá-la em escala global. (PIMENTA E SILVA, 2009, p. 10)

O ciberespaço associado à cibercultura representa para essa geração 00 o ideal libertário que lhes permite ultrapassar fronteiras e fugir dos preceitos sociais que caracterizam a natureza multiforme, transgressora, experimentalista, democrática e transcultural, tanto da contracultura, quanto da cibercultura. A arte como a conhecemos hoje está muito mais sujeita à valorização do simulacro, reciclagem, hiperrealismo, pastiche e outras vertentes do que era

antes. Isso acontece muito em função de um ideal de releitura estilizada das formas e motivos, ou seja, das estruturas e dos conteúdos de suas representações. Por outro lado, talvez uma leitura a partir de Nietzsche, diria que em se tratando de cibercultura e ambientes virtuais, etéreos e fluidos por natureza, nada é o que parece, mas aparência é fundamental. Logo, essa geração 00 da revolução tecnológica, imersa no mundo cibernético, está presa a um abismo na superfície, ou seja, muito se esconde por detrás de uma tela. Contudo, essa é uma discussão que envolve o sujeito e suas identidades nesse mundo cibernético e que não cabe ser tratada neste momento.

Entretanto, importante ressaltar que a cibercultura deixa muito menos margens culturais em função de sua diluição de fronteiras, como idealizava os movimentos contraculturais em busca de espaço ou visibilidade. Pode-se até dizer que há um processo de “desmarginalização” favorecido ou resultado dessa imersão da arte nos meios digitais.

Assim, de modo geral, entendemos que contracultura e a cibercultura, embora situados em momentos distintos de contextualização histórica, nos permitem visualizar e estabelecer relações das mais variadas naturezas por aproximarem-se enquanto seus propósitos de inovação e influências no comportamento da sociedade como um todo.

UM PROCESSO DE DESMARGINALIZAÇÃO

Neste ensaio, procurou-se tratar das nuances entre contracultura e cibercultura dos anos 1950 até a atual geração 00 de início do século XXI. Nossa herança da contracultura está evidenciada nos novos valores que foram incorporados por instituições como a família, escola, religião e pela sociedade. Nossas práticas diárias foram alteradas em função das facilidades da era tecnológica e isso implicou diretamente sobre o fazer artístico e sobre as relações ideológicas por detrás dos sujeitos que constituem nosso meio.

A luta das minorias (sejam elas de que naturezas forem!) continua evidenciada pelos ambientes virtuais (as recentes revoluções no Oriente Médio alimentadas pelas redes sociais e que têm derrubado regimes ditatoriais são exemplos disso), mas muito já foi conquistado pelos movimentos sociais que ao fazerem – como os *hippies* no final dos anos 60 – viram que a tecnologia e os meios de comunicação são ferramentas eficazes para disseminar um discurso

contrário ao que é convencionalizado pelos mantenedores do sistema, pela máquina do Estado. Tanto a contracultura quanto a cibercultura têm o mesmo elemento intrínseco e humano: a busca pela liberdade individual contra todas as formas de controle e dominação.

A cibercultura permitiu que a tecnologia funcionasse como suporte de expansão de novas ideias, propostas e experimentações. A literatura incorporou, certamente, essas técnicas e ferramentas e evidenciam seu hibridismo midiático na poesia digital, nas escritas colaborativas, na voz dada ao que o cânone ou a academia emudeceriam por convenções de juízos de valor cultural, afinal, basta nos preocuparmos em observar o número de blogues e sítios de escritores e artistas presentes na internet. Houve e há, de fato, uma transgressão à concepção de alta cultura literária ou alta cultura da arte (já na época da reprodutibilidade técnica de Benjamin) e que se estende da literatura ao cinema e à música. Hoje, talvez, mais em evidência do que quando nossos tropicalistas ou poetas marginais gritavam aos cantos seus ideais inovadores e só depois vieram a ter seu espaço.

Consideramos, então, que a cibercultura é um “movimento” ou fenômeno de natureza flexível e sua abrangência chega ao ápice quando colocado diante das novas práticas digitais que envolvem produção e disseminação de textos literários em meio ao processo de expansão do ciberespaço. Essa expansão é fator decorrente do processo de desterritorialização, como discutimos anteriormente, que dilui as fronteiras de acesso e revelam as interferências (ou influências) entre culturas distintas inseridas no sistema universal de literaturas e de sociedades.

Essas aproximações conceituais não esgotam ou não suprem totalmente as discussões, dúvidas e questionamentos em torno do pressuposto de que a cibercultura seja um movimento como foi a contracultura, até porque, estamos no meio do processo e imersos pelas correntes de pensamento que abarcam a sociedade contemporânea. Nesse sentido, pudemos observar que a tríade contracultura, cibercultura e literatura estão muito próximas e interligadas, uma vez que constituem manifestações culturais envolvendo sujeitos multiformes e que se desconstroem o tempo todo em função de seus ideais.

Contudo, essa relação que procuramos buscar não é um conteúdo a expressar, nem um conceito a exprimir, nem um ideal a defender. Na verdade, nossa reflexão sobre contracultura e cibercultura sob o prisma da literatura, nos permitiu aproximar essas três instâncias

enquanto sistemas e enquanto possibilidades de criação e disseminação cultural, além de podermos perceber que há de fato um processo de (des)marginalização cultural propiciado pelos ambientes virtuais, que a sociedade contemporânea está cada vez mais permeada por esses aparatos tecnológicos e cada vez menos pautada por vozes de autoridade. Há um movimento constante de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <<http://migre.me/40lrJ>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

FELINTO, E. O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 103-118, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/5GQZj>>. Acesso em: 10 set. 2011.

GOFFMAN, K.; JOY, D. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/5Gnul>>. Acesso em 28 ago. 2011.

LEMOS, A. Cibercultura como território dominante. In: TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. (Org.). *A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009, p. 38-46. Disponível em: <<http://migre.me/2gHGa>>. Acesso em: 09 set. 2011.

LEVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

PIMENTA E SILVA, M. Da Contracultura às Tribos da Cibercultura: uma perspectiva histórica para o debate atual. III Simpósio Nacional ABCiber. *Anais...* São Paulo: ESPM, 2009. p. 1-13. Disponível em: <<http://migre.me/5BsKi>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

RAMA, A. *Literatura e cultura na América Latina*. Org. Flávio Aguiar e Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Edusp, 2001.

RISÉRIO, A. et al. *Anos 70: Trajetórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ROSZAK, T. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

Recebido em: 12/11/2011

Aceito em: 26/12/2011